

Recebido em: 14/05/2021

Aprovado em: 27/08/2021

Publicado em: 22/10/2021

A CRÍTICA FENOMENOLÓGICA E DIALÉTICA DA PSICANÁLISE EM SARTRE

THE PHENOMENOLOGICAL AND DIALECTICAL CRITIQUE OF PSYCHOANALYSIS IN SARTRE

Fabio Caprio Leite de Castro¹
(facaprio@hotmail.com)

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar as principais formulações críticas de Sartre à psicanálise, demonstrando que, jamais, ao longo de sua obra, ele cedeu ao determinismo da teoria psicanalítica. Para alcançar este objetivo, propõe-se uma abordagem em duas etapas. Na primeira delas, a ênfase é colocada sobre a crítica fenomenológica à psicanálise nos textos *O Imaginário*, *Esboço de uma teoria das emoções* e *O Ser e o Nada*. Na segunda etapa, são apresentados alguns movimentos na obra de Sartre, no período de aproximação com a dialética, que terminam por refletir em sua leitura da psicanálise, especialmente a partir do *Scénario Freud*, *O homem ao gravador* e algumas de suas entrevistas contemporâneas ao *Idiota da Família*. Mostra-se com isso que Sartre se manteve rigorosamente crítico ao determinismo do inconsciente e à concepção psicobiológica da libido, através de uma concepção dialética da noção fenomenológica de vivido.

Palavras-chave: Sartre. Psicanálise. Fenomenologia. Dialética.

Abstract: The article aims to analyse Sartre's main critical formulations of psychoanalysis, so as to demonstrate that, throughout his work, he never yielded to the determinism of psychoanalytic theory. To achieve this goal, a two-step approach is proposed. In the first one, the emphasis is placed on the phenomenological criticism against psychoanalysis *The Imaginary*, *Sketch for a theory of emotions* and *The Being and the Nothing*. In the second one, it is some movements in Sartre's work, in the period of approximation with dialectics, that end up reflecting on his reading of psychoanalysis, especially in the *Scénario Freud*, *The man on tape* and some of his interviews that were contemporary to *The Family Idiot*. This shows that Sartre remains strictly critical to the determinism of the unconscious and to the psychobiological conception of libido, through a dialectical conception of the phenomenological notion of lived-experience.

Keywords: Sartre. Psychoanalysis. Phenomenology. Dialectic.

¹ Professor integrante do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Doutor em Filosofia pela Université de Liège - Bélgica (bolsa CAPES). Membro da Société Belge de Philosophie, da Unité de Recherches Phénoménologies e do Groupe d'Études Sartriennes (GES - Paris).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6516490021035286>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5156-0492>.



INTRODUÇÃO

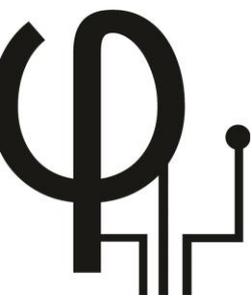
A perspectiva de Sartre em relação à psicanálise é certamente uma das questões mais instigantes em seu pensamento. Em sua resposta à publicação de *O homem ao gravador* (Sartre, 1972c), Jean-Bertrand Pontalis afirmou: “Será necessário um dia escrever a história da relação ambígua, feita de uma atração e de uma reticência igualmente profundas, que Sartre mantém com a psicanálise, e talvez reler a sua obra nessa perspectiva” (1972, p. 360).² De certo modo, o tema já foi bastante debatido. Um livro marcante é o de Betty Cannon, *Sartre e a psicanálise* (1993), no qual ela faz uma longa e aprofundada análise da psicanálise existencial, com uma importante comparação com a psicanálise freudiana e pós-freudiana. O próprio Pontalis (2005) e outros escritores como Philip Knee (1985) e Elisabeth Roudinesco (1990) fizeram importantes contribuições para a compreensão da relação intrincada entre Sartre e a psicanálise. Mais recentemente, o tema foi inclusive objeto de um volume especial de *Les Temps Modernes* em 2013, *Sartre com Freud*³.

Na esteira desse debate, o presente artigo visa, de modo delimitado, colocar em relevo os argumentos que Sartre apresentou contra certos aspectos da teoria psicanalítica, com o objetivo de demonstrar que, jamais, ao longo de sua obra, ele cedeu ao determinismo decorrente da noção de inconsciente. Para tanto, propõe-se uma subdivisão em duas etapas, o que por si só já delineia uma orientação de leitura do problema.

Na primeira etapa, são colocados em exame as principais críticas fenomenológicas que Sartre formula contra a psicanálise nos textos *O Imaginário*, *Esboço de uma teoria das emoções* e *O Ser e o Nada*. Dos três, é o último, desde a ontologia fenomenológica, que oferece uma arguição mais profunda e rigorosa. Na segunda etapa, são apresentados alguns movimentos na obra de Sartre que terminam por refletir em sua leitura da psicanálise. São eles especialmente a redação do roteiro cinematográfico sobre Freud e a publicação do *Homem ao gravador*. É nesse mesmo período que Sartre se ocupa com a dialética e com o método progressivo-regressivo, cujas repercussões se fazem sentir no *Idiota da Família* e na sua concepção de vivido, de constituição e de personalização. A partir de certas entrevistas do período final da obra sartriana, mostra-se que, mesmo nesse período, Sartre manteve-se rigorosamente crítico

² Todas as traduções livres do francês e do alemão para o português por ocasião das citações diretas no presente artigo são de responsabilidade do seu autor.

³ Para o presente artigo, recorreremos nesse volume especialmente às contribuições de Cabestan, 2013; Bourgault, 2013 e Tomès, 2013.



ao determinismo do inconsciente e à concepção psicobiológica da libido, através de uma concepção dialética que não abre mão da noção de vivido.

1 A CRÍTICA FENOMENOLÓGICA AO DETERMINISMO DA PSICANÁLISE

É possível traçar um período da obra sartriana no qual se constituiu, por assim dizer, a leitura crítica que Sartre fez da psicanálise desde uma perspectiva fenomenológica. Esse período estende-se de 1934 a 1943, ou seja, entre a descoberta do método fenomenológico por Sartre e a publicação de *O Ser e o Nada*, coincidindo com a ascensão do interesse pela psicanálise e a sua institucionalização na França, desde a fundação da *Société Psychanalytique de Paris*, em 1926. Ao mesmo tempo em que parecia irrecusável a importância do modelo teórico-clínico proposto pela psicanálise freudiana, com o seu notável sucesso, era necessário oferecer-lhe uma crítica, uma vez que ela se mostrava, no plano teórico, uma adversária da abordagem filosófica que Sartre propunha.

Para além da referência literária que podemos encontrar em *A infância de um chefe*, conto que encerra *O muro* (SARTRE, 1939), no qual Sartre ilustra através do personagem Lucien Fleurier uma conhecida ironia à psicanálise⁴, é na obra filosófica que encontramos os argumentos que o pensador francês levanta contra a teoria psicanalítica. A fenomenologia ofereceu a Sartre as bases do modelo teórico para a concepção da consciência no mundo (SARTRE, 1947), com seus desdobramentos em uma concepção da transcendência do eu (Sartre, 2003), da imaginação (SARTRE, 1936 e 1940) e das emoções (SARTRE, 1938), modelo que durante a 2ª Guerra se radicaliza na direção de uma ontologia fenomenológica (SARTRE, 1943). Proponho neste primeiro ponto uma análise dos argumentos apresentados por Sartre contra certos aspectos da teoria psicanalítica, bem como um exame daquilo que lhe parece um avanço inquestionável e mesmo um ponto de convergência com a sua proposta de uma psicanálise existencial.

Uma das críticas formuladas por Sartre encontra-se no *Imaginário*, precisamente na parte IV, “O papel da imagem na vida psíquica”, no item “O Símbolo” (1940, p. 187-195). Embora concisa, esta crítica sinaliza um dos efeitos da diferença entre as concepções fenomenológica e psicanalítica da imagem. No projeto sartriano de uma psicologia

⁴ Sobre esse tema, bastante conhecido dos leitores de Sartre, vale conferir o artigo de Jean-François Louette (2009), no qual ele formula três maneiras de ler *A infância de um chefe*: como autobiografia, como uma narrativa irônica e como uma complicação paródica da narrativa de aprendizagem.



fenomenológica da imaginação, o capítulo em questão é central para que se possa levar às últimas consequências a sua concepção do imaginário. Na vida psíquica, a imagem não exerce o papel de ilustração ou de suporte do pensamento, pois a mesma não é heterogênea ao pensar. Nesse sentido, ela compreende uma espécie de saber, com intenções, até mesmo palavras e juízos. (1940, p. 187). A partir dessa perspectiva, Sartre sustenta que se escreveu muito sobre o pensamento simbólico, “sem dúvida sob influência da psicanálise”, fazendo-se da imagem “um traço material, um elemento inanimado que desempenha posteriormente um papel de símbolo”. (1940, p. 189). Nessa passagem, não é explicitado por Sartre qual seria precisamente a influência da psicanálise sobre a concepção então corrente do pensamento simbólico e onde poderíamos encontrar esse modelo em Freud. Sartre limita-se a assinalar que, segundo essa concepção, o pensamento seria algo como uma atividade de seleção, a qual viria pescar suas imagens no inconsciente, dispondo-as e combinando-as conforme as circunstâncias, permanecendo rigorosamente fora das imagens (1940, p. 189). É essa externalidade total entre símbolo e imagem que Sartre não aceita, considerando que a imagem ela mesma, de acordo com as descrições fenomenológicas, pode tomar a forma de uma asserção ou de uma decisão. Com efeito, de acordo com a concepção psicanalítica, o processo do pensamento seria articulado por representações-palavra, as quais permaneceriam diferenciadas das representações dos objetos, conectadas a estas pela imagem acústica⁵. Uma vez que essa concepção corre o risco de considerar a formação de imagens como mero resultado de associações, sem identificar nelas a síntese ativa que a fenomenologia permite descrever, é possível então identificar aquilo que leva Sartre a estabelecer essa crítica.

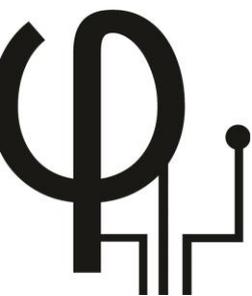
No *Esboço de uma teoria das emoções*, é conhecido o método empregado por Sartre, que percorre inicialmente as teorias clássicas e, em seguida, a teoria psicanalítica das emoções, para finalmente oferecer uma teoria fenomenológica. No capítulo intermediário que trata da

⁵ Um exame mais apurado desse problema exigiria uma revisão do conceito de representação (*Vorstellung*) em Freud e do papel que ela desempenha em sua teoria do aparelho psíquico. Todo o edifício teórico da psicanálise sustenta-se na concepção do aparelho psíquico como um aparelho de memória com diferentes instâncias (consciência, pré-consciente e inconsciente), que somente podem ser entendidas através do conceito de representação. Na passagem do anexo “Palavra e Coisa” de *O inconsciente*, Freud estabelece uma diferenciação entre a representação-palavra e a representação-objeto. A representação-palavra aparece com um complexo fechado de representação de imagens (*Bild*), enquanto a representação-objeto aparece como um complexo aberto, entre associações (acústicas, táteis, visuais etc.). (FREUD, 1975a, p. 172). A representação-palavra liga-se à representação-objeto através da imagem sonora. “A representação-palavra se liga [*geknüpft*] pela sua extremidade sensível (por meio das imagens de som) com a representação-objeto”. (FREUD, 1975a, p. 173). Em *O Eu e o Isso*, Freud afirma que a representação-palavra (*Wortvorstellung*) tem uma função mediadora, através da qual os processos internos de pensamento são convertidos em percepções (FREUD, 1975b, p. 292). Ou seja, é através de um super investimento (*Überbesetzung*) do pensar que os pensamentos se tornam perceptíveis real e efetivamente como relacionados ao mundo externo, razão pela qual são tidos como verdadeiros. Uma tal função mediadora do pensamento é exercida pelas representações-palavra.

teoria psicanalítica, Sartre sinaliza aquilo que parece ser o aporte decisivo da psicanálise: “é certo que a teoria psicanalítica foi a primeira a pôr o acento na significação dos fatos psíquicos, foi a primeira a insistir no fato de que todo estado de consciência vale por outra coisa que ele mesmo” (SARTRE, 1938, p. 49). De acordo com a interpretação sartriana, na teoria psicanalítica as emoções conectam-se com a significação dos fatos psíquicos, mas de modo atravessado pela censura, de tal maneira que o fenômeno consciente seria a realização simbólica de um desejo recalcado. No entanto, com a divisão entre a consciência e o inconsciente, o significante e o significado restam inteiramente separados (por exemplo, o comportamento consciente resulta exterior ao próprio comportamento). Na perspectiva psicanalítica, o fato consciente seria, em relação ao significado, como uma coisa, efeito de um certo acontecimento, guardando uma relação meramente *causal* de passividade. Sartre concorda com a ideia de que o símbolo é constitutivo do fato da consciência e não lhe é exterior. No entanto, seria preciso considerar que a consciência envolve o fato consciente, a significação e o significado (1938, p. 53). Além disso, seria igualmente necessário admitir uma ligação imanente *de compreensão* entre a simbolização e o símbolo. Aí residiria a contradição da psicanálise, quando se apresenta ao mesmo tempo uma ligação de causalidade e uma ligação de compreensão entre as significações. Enquanto o *teórico* estabelece significações transcendentais de causalidade rígida (uma pregadeira de alfinetes significa sempre, no sonho, seios de mulher), o *clínico* procura assegurar-se dos nexos de significação com maleabilidade entre a simbolização e o símbolo (1938, p. 54). É sob a orientação desse segundo aspecto, de uma dimensão compreensiva cuja abertura permite colocar em jogo o porvir e a finalidade da ação, que Sartre encontrará a solução de uma *psicanálise existencial* sustentada, ontologicamente, sobre a liberdade em situação.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre oferece uma argumentação muito mais desenvolvida e sofisticada que estabelece os contornos finais de sua leitura crítica da psicanálise. Arnaud Tomès sistematiza de uma forma bastante interessante os argumentos que Sartre formula em seu ensaio de ontologia fenomenológica para rejeitar o inconsciente freudiano, que podem ser assim sintetizados e nos ajudam a estabelecer o fio condutor de nossa abordagem (TOMÈS, 2013, p. 53): (1) o inconsciente freudiano termina por reificar o psiquismo tomando-o como uma coisa; (2) o inconsciente freudiano seria uma hipótese contraditória, na medida em que postula uma consciência que não se conhece; (3) o inconsciente freudiano seria enfim uma hipótese supérflua: seria perfeitamente possível dar conta dos fenômenos estudados por Freud com o auxílio de uma psicanálise existencial.

Aquilo que Sartre apenas menciona no *Esboço de uma teoria das emoções* – se tivéssemos uma consciência mesmo implícita de nosso desejo, “seríamos de má-fé” (1938,



p. 51) – é explicitado com profundidade na ontologia fenomenológica de *O Ser e o Nada*, no capítulo específico que se encontra na primeira parte, destinado a explicitar a estrutura da má-fé. Esta pode ser definida como o autoengano produzido através de uma contradição no interior de uma mesma consciência. A “mentira para si” exige que enganador e enganado estejam dados na unidade de uma consciência, o que somente é possível, segundo Sartre, porque a própria consciência como para-si é atravessada pela negação que ela mesma tem-de-ser sob o modo temporal de ser. Ademais, a argumentação que Sartre desenvolve para demonstrar como a má-fé se torna possível é também o ponto onde ele pretende fazer valer a sua tese de um cogito pré-reflexivo ou existencial que torna possível toda e qualquer intencionalidade direcionada ao mundo ou à própria consciência sob a forma reflexiva. Em outros termos, a má-fé somente é possível porque na unidade de uma mesma consciência a relação imediata (de) si a si integra sempre as demais formas de intencionalidade, ou seja, consciência irrefletida ou reflexiva. Para Sartre (1943, p. 518), a diferença entre os planos inconsciente e consciente da psicanálise deve ser substituída pelos planos da consciência irrefletida e da consciência reflexiva que lhe é tributária. Exatamente por isso, o conceito de má-fé deve, segundo o filósofo, substituir os conceitos de censura, recalçamento e inconsciente (SARTRE, 1943, p. 518). É este ponto que pretendo elucidar.

O problema de um autoengano, da má-fé, foi resolvido segundo Sartre, na interpretação psicanalítica, pela hipótese da censura, concebida como uma linha de demarcação, que exerce um controle para restabelecer a dualidade do enganador e do enganado. Sintomas, fobias, sonhos ou lapsos existem como fatos de consciência, da mesma forma como as palavras e as atitudes do mentiroso são condutas concretas e efetivamente existentes. A questão é que o sujeito está diante desses fatos como o enganado diante do enganador: para o psicanalista, ele deve constatar-las e interpretá-los (SARTRE, 1943, p. 84). Nesse sentido, o sujeito não tem um ponto privilegiado em relação ao seu psiquismo não consciente. Ele é os seus próprios fenômenos psíquicos e seus impulsos, porém, a busca de uma verdade sobre o conteúdo desses impulsos só pode ser atingida por hipóteses interpretativas mais ou menos prováveis, através do concurso do psicanalista, como mediador entre as tendências inconscientes do sujeito e a sua vida consciente. (SARTRE, 1943, p. 85). O próprio complexo de Édipo constitui uma hipótese atômica que não passa de uma ideia experimental. O outro aparece como o único a poder constituir uma síntese, de tal maneira que o sujeito só pode conhecer-se a partir de outrem.

(SARTRE, 1943, p. 85). Em suma, a psicanálise oferece uma explicação sobre a má-fé substituindo-a a uma “mentira sem mentiroso”, através da qual o sujeito não mente, mas sofre a mentira, é “mentido” (SARTRE, 1943, p. 86). Ou seja, é como se a consciência se



deparasse com um sujeito enganado por outras disposições, inclinações e impulsos que lhe são inteiramente inconscientes. Nessa concepção, a libido funciona como um “*conatus* cego” na direção da expressão consciente e o fenômeno consciente é um mero resultado passivo e manipulado.

Seria, então, necessário indagar, de acordo com Sartre (1943, pp. 87-88): como a censura discerniria os conteúdos a serem recalçados sem a consciência de lhes discernir, inclusive ignorando-se a si mesma? Como a tendência recalçada pode “disfarçar-se” se ela não envolve: (1) a consciência de ser recalçada; (2) a consciência de ser repelida; (3) um projeto de disfarce? De onde viria a resistência se ela não fosse de alguma forma consciente de si mesma? Para suprimir a má-fé, Freud precisaria introduzir entre o inconsciente e a consciência uma consciência de má-fé. No entanto, para Sartre, trata-se de uma mesma consciência, de tal modo que a tríade – isso, eu e supereu – não passaria de uma terminologia verbal. Ao rejeitar a unidade consciente, Freud seria obrigado a subentender uma “unidade mágica” religando os fenômenos à distância, para além de todos obstáculos (1943, p. 88). Ora, a censura exige, para Sartre uma consciência não-posicional de censura, uma consciência (de) censura, única forma plausível de descrição do fenômeno. Podemos observar com clareza, a partir destas críticas centradas sobre a má-fé, aquilo que Sartre contesta na psicanálise: a suposição do inconsciente e suas explicações determinísticas.

Por outro lado, Sartre estava longe de diminuir a importância dos achados da psicanálise e via na ligação compreensiva entre as significações a chave para propor um método alternativo ao psicanalítico: a *psicanálise existencial*. O seu objetivo é decifrar os comportamentos empíricos do ser humano concreto a partir de uma pré-compreensão ontológica de sua escolha fundamental (1943, p. 614). O esboço da psicanálise existencial segundo o próprio Sartre é fornecido pela psicanálise de Freud e haveria nelas pontos em comum (1943, pp. 614-616). Em ambas a vida psíquica é considerada a partir de relações de simbolização com estruturas globais que constituem a pessoa. Além disso, ambas consideram que não existem dados primeiros, inclinações ou caráter herdados, pois o ser humano é uma historialização perpétua, de tal modo que se possa, para além de dados estáticos, detectar o seu sentido, a sua orientação e as vicissitudes dessa história. Ademais, ambas consideram o homem no mundo e não concebem que se possa interrogar um homem sem levar em conta antes de tudo a sua situação. Ainda, ambas procuram por uma atitude fundamental em situação, o *complexo* (na psicanálise) ou a *escolha original* (na psicanálise existencial). Por fim, ambas não estimam que o homem esteja em posição privilegiada para proceder a essas enquetes sobre si mesmo – o método é objetivo, utilizando-se tanto de dados da reflexão como de documentos e testemunhos.



Como afirma Philippe Cabestan a esse propósito, quando examinamos os seus princípios, a proximidade dos projetos de Freud e de Sartre é incontestável (2005, p. 101). Quais seriam então as divergências entre a psicanálise existencial e a psicanálise freudiana?

Uma importante diferença a ser sublinhada é que a psicanálise definiu e decidiu sobre o seu “irredutível”, a libido, como um resíduo psicobiológico, em lugar de o deixá-lo anunciar-se em uma intuição evidente (1943, p. 617), ou seja, através do projeto existencial que se singulariza, escolhendo-se a si mesmo. No fundo dessa objeção, encontram-se o tema da sexualidade e o determinismo psicanalítico. A psicanálise faz da sexualidade, segundo Sartre, uma “tabula rasa” que retiraria todas as suas determinações da história individual (1943, p. 448). Não se trata de negar a sexualidade, mas de mostrar em quais dimensões pré-ontológicas essa se enraíza, pois o projeto do para-si existe de forma consciente, porém de modo integrado a uma estrutura na qual ele mesmo se funda. Em outros termos, não se pode pensar que a origem da sexualidade seria indeterminada, pois é na estrutura da relação com os outros no mundo que ela suporta todas as suas determinações. Porém, em psicanálise, nenhuma compreensão pré-ontológica é concedida ao sujeito (1943, p. 503).

Além disso, supõe-se um determinismo na concepção psicanalítica da relação simbólica. Segundo Sartre, e nisso ele concorda com Freud, para a psicanálise, um ato não se limitaria a si mesmo, pois ele remete imediatamente a estruturas mais profundas (1943, p. 502). Em princípio, Freud não aceitaria um determinismo horizontal entre os atos mentais (um ato é determinado pelo momento antecedente), no entanto, para Sartre, ele termina cedendo a um determinismo vertical (em termos simbólicos). Ocorre que esse determinismo simbólico remeteria necessariamente à formação do símbolo e, portanto, ao passado do sujeito. Nesse sentido, é a história do sujeito que decidiria se uma tendência será ou não fixada, fazendo com que o determinismo vertical permaneça consolidado sobre o eixo de um determinismo horizontal. Na psicanálise freudiana, o símbolo expressa um desejo subjacente e contemporâneo, como se unicamente o passado o constituísse tal como ele é, por formas explicativas de conexão, como a transferência, a condensação e o deslocamento. “Como consequência, a dimensão do futuro não existe para a psicanálise” (1943, p. 503). A alternativa pensada por Sartre para pensar as relações simbólicas no psiquismo humano é não tomar as significações de um ato como um fluxo em exterioridade, ou seja, como um determinismo linear explicativo, mas integrando-o como estrutura secundária em uma estrutura global na totalização que o para-si é. Dessa forma, a psicanálise deveria ser entendida no sentido inverso: de tal modo que cada ato fosse concebido como fenômeno compreensível. “Em lugar de



compreender o fenômeno considerado a partir do passado, nós concebemos o ato compreensivo como um retorno do futuro em direção ao presente”. (1943, p. 503).

Sublinha-se a *compreensão* é definida por Sartre de um modo específico: “É compreensível toda ação como projeto de si-mesmo em direção a um possível” (1943, p. 504). Esse movimento de compreensão da ação faz-se em dois sentidos – remontando do ato ao meu possível último, por uma progressão sintética e deste possível último até o ato visado captando sua integração em uma forma total, a qual deve ser compreendida como a relação original entre a unidade do mundo e minha própria unidade destotalizada. Fundamentalmente, esse é o objetivo da psicanálise existencial. Ao tempo da publicação de *O Ser e o Nada*, Sartre afirmou que “essa psicanálise ainda não encontrou seu Freud” (1943, p. 620). Doravante, ele colocou-a em funcionamento em seus estudos biográficos.

Terminamos este ponto fazendo uma ponderação sobre o período da obra de Sartre em que ele formula a sua contestação à psicanálise. É nos textos filosóficos que encontramos seus argumentos e objeções à teoria psicanalítica, naquilo que ele julga estar em conflito com o seu próprio pensamento. A psicanálise permaneceria refém de uma concepção coisificante da imagem ao considerá-la heterogênea ao símbolo, como vimos em *O Imaginário*. Além disso, ela resta presa ao determinismo oriundo de uma teoria causal da relação de significação, como podemos extrair do *Esboço de uma teoria das emoções*. No entanto, os efetivos desdobramentos de uma teoria psicanalítica da significação são apresentados e esmiuçados em *O Ser e o Nada*. É nesse livro que Sartre convoca a ontologia fenomenológica para demonstrar aquilo que ele considera como uma contradição na suposição do inconsciente, especialmente pela via de sua descrição fenomenológica da má-fé. A solução sartriana para o que a psicanálise chama de inconsciente é pensada pela via da consciência (de) si, nível onde se processa o vivido em sua integralidade, mesmo irrefletida. Instalando a interpretação no campo que Sartre define como *compreensão*, a qual é capaz de iluminar o sentido de um projeto pelas suas possibilidades e seu porvir, o filósofo pretende assim libertá-la do determinismo simbólico que invariavelmente empurra a significação ao passado e faz da relação simbólica uma relação externa à compreensão. Tudo que na psicanálise remeta a um determinismo sobre a consciência existencial será evidentemente contestado por Sartre. Como vimos, a hipótese sobre o inconsciente, a hipótese psicobiológica acerca da libido, a subdivisão tópica do aparelho psíquico, a concepção de censura e suas explicações determinísticas dos fatos psíquicos como a transferência, a condensação e o deslocamento, todos esses aspectos foram explicitamente criticados por Sartre em *O Ser e o Nada*.



2 A CRÍTICA DIALÉTICA – O “COMPANHEIRO DE ESTRADA CRÍTICO” DA PSICANÁLISE

O ponto anterior destinou-se exclusivamente a colocar em evidência os argumentos levantados por Sartre em contestação a certas teses da teoria psicanalítica. Vimos que Sartre não rechaça por completo a psicanálise, chegando a ver, inclusive, pontos de contato entre o seu modelo de uma psicanálise existencial e a psicanálise freudiana. Por outro lado, vimos na fenomenologia e na ontologia fenomenológica de Sartre os pontos de uma veemente crítica feita pelo filósofo, a qual se concentra sobre diversos desdobramentos e efeitos da suposição do inconsciente. Até o final de sua vida, Sartre jamais recuará em relação a estas críticas. Porém, é preciso introduzir neste ponto algumas nuances. Considerar Sartre grosseiramente como um pensador avesso à psicanálise seria um erro incontornável⁶. Tampouco seria plausível pensar que a sua proposta de uma psicanálise existencial, mesmo no *Idiota da Família*, por mais aproximada que seja da Escola psicanalítica, tenha de algum modo cedido a Freud. É nesse sutil e difícil ponto em que se situa a perspectiva sartriana, especialmente dos anos 1950 até a sua morte, que pretendo colocar em evidência alguns desdobramentos do seu pensamento acerca da psicanálise, a partir do *Scénario Freud* e do *Homem ao gravador*, para finalmente apresentar algumas considerações sobre entrevistas concedidas por Sartre que foram republicadas em *Situações IX e X*.

É fato reconhecido e debatido entre os comentadores da relação de Sartre com a psicanálise (PONTALIS, 2005; KNEE, 1985) que o período em que ele escreveu o roteiro para o filme sobre Freud, em 1958, por encomenda de John Huston, trouxe marcas importantes para a sua releitura da psicanálise. A história é amplamente conhecida. Sartre aceita o pedido de Huston, apropria-se do trabalho tomando-o como um desafio, sem nenhuma preocupação realística de medida. Se o roteiro nos moldes apresentados por Sartre tivesse sido efetivamente rodado, ele resultaria em um filme de cerca de sete horas (PONTALIS, 2005, p. 9). Huston pede a Sartre alterações e cortes. Ele aceita as concessões, modifica o texto, mas termina por se

⁶ Nesse sentido, estamos de acordo com o comentário de Elisabeth Roudinesco (1990, p. 591): “Vê-se, então, que para combater o projeto freudiano, Sartre não apela às figuras habituais do anti-freudismo à francesa. Ele não assimila a teoria da sexualidade a um pansexualismo de origem germânica, ele não pensa o inconsciente sob a categoria de um subconsciente ao modo de Janet e, enfim, ele não pretende que a psicanálise seja incompatível com um hipotético cartesianismo concebido como ideal de uma francidade [*francité*] racional. De fato, ele não recusa em sentido estrito o inconsciente freudiano, mas lhe submete a uma espécie de inversão doutrinal, destinada a mostrar que os processos mentais que escapam à consciência do sujeito fazem parte do domínio da consciência à condição que esta seja pensada nos termos da fenomenologia.” O artigo de Roudinesco tem o mérito de oferecer uma análise aprofundada sobre a relação de Sartre com a psicanálise, sem exageros ou concessões de qualquer ordem.

cansar. O roteiro termina sendo reduzido e transformado por Charles Kaufmann e Wolfgang Reinhardt, ligados a Huston, e Sartre renuncia completamente aos créditos do filme. O texto completo do roteiro em sua primeira versão (1958) e sua segunda versão (1959-1960) veio finalmente a conhecimento do público em uma edição póstuma em 1984 (SARTRE, 2005).

Esse fato aparentemente anedótico guarda, porém, importantes elementos que podem levar-nos a uma compreensão do novo movimento que faz Sartre em direção a Freud. Quem nos guia nessa reflexão é o psicanalista Jean-Bertrand Pontalis, em seu prefácio ao *Scénario Freud*. Pontalis lembra-nos (2005, p. 14) que é exatamente no ano de 1958 que se publica a edição francesa do primeiro volume da biografia de Freud escrita por Ernst Jones, bem como, dois anos antes, são publicadas as cartas recém descobertas de Freud a Wilhelm Fliess, assim como os manuscritos anexados à correspondência, o quais constituíram, mesmo para os especialistas, uma revelação. “Não há a menor dúvida de que essas leituras transformaram radicalmente a imagem que Sartre fazia de Freud” (PONTALIS, 2005, p. 14). O Freud que então emerge, personalidade contraditória, em luta permanente consigo, com seus avanços, impasses e recuos, possui muito mais valor aos olhos de Sartre, do que a ideia que ele tinha anteriormente do inventor da psicanálise, como “um chefe de escola doutrinário e limitado, de um filósofo medíocre do qual nenhum conceito resiste ao exame” (PONTALIS, 2005, p. 15). A intransigência de Freud, sua oposição tenaz à medicina e à psiquiatria reinantes, a sua solidão e o antissemitismo dissimulado do qual foi vítima são aspectos importantes nessa redescoberta que Sartre fez do criador da psicanálise. Na famosa entrevista com Michel Contat, *Autorretrato aos 70 anos*, publicada em *Situações*, X, Sartre realça o lado cômico de ter sido requisitado a escrever sobre Freud, grande mestre do inconsciente: logo ele, Sartre, um pensador que havia passado sua vida a dizer que o inconsciente não existe. No entanto, ele reconhece que essa pesquisa lhe aportou um maior conhecimento de Freud, nos seguintes termos: este trabalho “me conduziu a repensar o que eu pensava sobre o inconsciente” (SARTRE, 1976a, p. 205).

Além deste roteiro para um filme sobre a vida de Freud, coloco em relevo a publicação *O homem ao gravador* (SARTRE, 1972c), em abril de 1969, no volume 274 de *Les Temps Modernes*. O texto porta uma forte crítica à psicanálise, tornando público o debate sobre a situação clínica do paciente “A”, que retorna ao consultório do Dr. “X”, depois de três anos de interrupção de sua análise que havia sido conduzida por 18 anos. Com um gravador na mão, o paciente pede suas contas ao analista e coloca o gravador sobre a mesa. Sartre não apenas publica a transcrição da gravação em *Les Temps Modernes*, sob o título *Diálogo Psicanalítico*, como também a sua análise crítica do episódio e as repostas que lhe



endereçaram Jean-Bertrand Pontalis e Bernard Pingaud⁷. Em sua análise crítica, Sartre afirma que ele não deve ser tomado como um “falso amigo” da psicanálise, mas como um “companheiro de estrada crítico” (1972c, p. 329). O que lhe interessa é fazer uma abordagem do caso desde a perspectiva do sentido que o paciente deu à sua ação através de uma inversão (*renversement*) da práxis, como contra-violência a uma relação analítica que era ela mesma violenta. O paciente refletiu durante três anos; que ele tenha ou não se equivocado, ele organizou o seu ato, ele o executou, com ironia mas também angústia, fazendo o analista falar (SARTRE, 1972c, p. 336). Analistas podem afirmar que se trata de um “doente” que faz “uma passagem ao ato”. No entanto, mesmo que seja um “doente” o organizador do ato, isso não impede que ele o organize. Que seja uma passagem ao ato, mas é “o ato ele mesmo, que o interioriza, ultrapassa e conserva as motivações mórbidas na unidade de uma tática, o ato que dá um sentido ao sentido que advém a nós” (SARTRE, 1972). São justamente esses aspectos que emergem na análise de Sartre e que os analistas lhe pareciam não elucidar no caso. Talvez seja relevante lembrar que Sartre havia publicado em 1960 a *Crítica da Razão dialética* e no período da publicação deste texto estava redigindo a todo vapor *O Idiota da Família*. Não é um acaso que a sua reflexão sobre o *Homem ao gravador* opere através do método dialético e que a sua perspectiva coloque um acento sobre a dimensão da práxis e sobre a dialética da violência.

Em janeiro de 1966, três anos antes da publicação de *Homem ao gravador*, na entrevista *A antropologia*, republicada em *Situações, IX* (1972a), Sartre oferece uma longa resposta ao ser perguntado sobre o problema da alteridade e do discurso do outro, desde a perspectiva da negação do para-si, no sentido de que não é estabelecido em seus textos uma relação com Lacan e suas investigações sobre o outro simbólico. Primeiramente, ele sinaliza que o entrevistador confunde negação com negação. A primeira constitui a existência enquanto a negação se dá ao nível da práxis histórica. Além disso, Sartre afirma que a psicanálise resta fora da dialética. “Você toma a negação como se não houvesse um avesso. Eu reprovarei a psicanálise por permanecer em um plano não dialético” (1972a, p. 95). Essa resposta de Sartre pode ser elucidativa sobre a perspectiva que ele mesmo vinha formando sobre a psicanálise nos últimos anos, desde as suas tentativas de consolidação e aplicação do método progressivo-regressivo, que encontra em Flaubert a sua maior dedicação. Para além de todas as críticas que Sartre sustentou contra a psicanálise desde sua leitura fenomenológica, fica claro que, desde a sua virada dialética, seria necessário fazer passar pelo modelo dialético a própria concepção da

⁷ Para um exame detalhado do contexto dessa publicação e de suas repercussões, ver Bourgault, 2013.

constituição de si e da personalização, tal como ele o indica em *Idiota da Família* (1988a e 1988b).

Os dois temas que tratamos até aqui – *Scénario Freud* e *O homem ao gravador* – ajudam-nos a elucidar dois fatos importantes. O primeiro é que, em razão da encomenda que lhe fez Huston para a criação de um roteiro cinematográfico, Sartre revisita Freud sob um olhar biográfico inteiramente novo. O segundo é que Sartre, a partir dos anos 1950, voltou-se para a dialética, o que o levou a um novo momento do seu pensamento, com consequências importantes para o seu projeto antropológico e, por conseguinte, para o modo como ele se reporta à psicanálise. Efeitos de ambos os processos – o de uma redescoberta do homem Freud e o da virada dialética – encontram-se no *Idiota da Família*. É grande a proximidade entre o método psicanalítico e a abordagem que Sartre faz da infância de Flaubert, ao ponto de um autor como Philipp Kneer reputar o debate teórico com a psicanálise apenas uma discussão superficial. Segundo suas palavras, no artigo *Psicanálise sem inconsciente*: “à luz do imenso trabalho de ‘psicologia das profundezas’ efetuado sobre Flaubert, a discussão sobre a hipótese de um inconsciente ou a existência de zonas inconscientes do vivido, etc., não é mais do que uma querela de palavras” (KNEER, 1985, p. 236). A partir da leitura do *Idiota da Família*, é possível compreender o que Philipp Kneer pretende sustentar, dada a sensação que temos de que Sartre está em profundo diálogo com a psicanálise, especialmente nas três primeiras partes do livro, até a investigação do diagnóstico de Flaubert. No entanto, é preciso asseverar: em filosofia, o debate é um debate de ideias, ideias demandam conceitos, conceitos são expressos através de palavras. Toda querela, em filosofia, é uma querela de palavras, pois é através delas que uma hipótese pode ser afirmada, negada ou mesmo comprovada. Ora, não parece ser uma mera querela de palavras a substituição do inconsciente pela noção de consciência irrefletida, com todas as implicações desse entendimento, noção que é recuperada em termos dialéticos para descrever a constituição e a personalização de Flaubert. A psicanálise resta profundamente transformada pelo olhar de Sartre. É isso que pretendo ainda sinalizar, através da noção de vivido, desenvolvida em *O Idiota da Família*, e que mantém Sartre na posição de um “companheiro de estrada crítico” da psicanálise.

Como vimos, na leitura fenomenológica que Sartre faz da psicanálise, ele entende que esta não leva às últimas consequências a dimensão compreensiva e decide onde a interpretação se interrompe, por força de sua concepção do inconsciente e sua hipótese psicobiológica sobre a libido. A grande questão da psicanálise existencial em *O Ser e o Nada*, a qual permanece sendo o núcleo central da abordagem em Flaubert, é a diferenciação entre o irrefletido e a consciência reflexiva, o que permite a Sartre afirmar que o projeto é plenamente vivido



(*vécu*) pelo sujeito e, como tal, lhe é totalmente consciente, o que não significa que o projeto é conhecido (*connu*) por ele (SARTRE, 1943, p. 616). A noção de vivido (*vécu*) torna-se o grande eixo de compreensão da constituição e da personalização de Flaubert, assim como da psicopatologia fenomenológica que Sartre esboça em *O Idiota da Família*⁸.

Na entrevista *Sartre por Sartre*, realizada em janeiro de 1970 e republicada em *Situações, IX*, Sartre afirma que o vivido não designa nem o pré-consciente, nem o inconsciente, nem o consciente, “mas o terreno sobre o qual o indivíduo é constantemente submerso por ele mesmo, por suas próprias riquezas, e onde a consciência tem a astúcia de se determinar ela mesma pelo esquecimento” (1972b, p. 108). À época desta entrevista, Sartre redigia *O Idiota da Família*, cujos dois primeiros volumes seriam publicados algum tempo depois. Essa afirmação antecipa aquilo que será uma vez mais reforçado por Flaubert: o vivido não se reduz à consciência reflexiva, ou seja, à consciência posicional de si mesmo e menos ainda ao inconsciente, cuja existência Sartre permanece contestando. Em seguida, na mesma entrevista, ele afirma que a noção de vivido lhe permitiu ultrapassar a ambiguidade psicanalítica do “fato psíquico” (1972b, p. 112), ao mesmo tempo teleológico e mecânico – o que ele sinalizava pelo menos desde *Esboço de uma teoria das emoções*. Ademais, ele sinaliza que a compreensão do vivido pode engendrar a sua própria linguagem, a qual será inadequada, porque opera uma espécie de tradução e que frequentemente tem a estrutura metafórica de um sonho. A compreensão de um sonho ocorre quando um homem pode traduzi-lo em uma linguagem sonhada. “Lacan diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Eu diria em vez disso que a linguagem que exprime o inconsciente tem a estrutura de um sonho” (SARTRE, 1972b, p. 111).

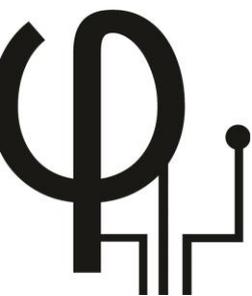
Em outra entrevista, *Sobre o Idiota da Família*, realizada em 1971 e republicada em *Situações, X*, (1976b), o entrevistador compara a descrição que Sartre faz do eu (*moi*) flaubertiano à teoria de Lacan, assinalando que Sartre a toma como específica a Flaubert, enquanto Lacan a toma por universal, como uma construção imaginária relacionada ao estágio do espelho. Essa pergunta permite a Sartre esclarecer que, embora não conheça Lacan tão bem, a sua “descrição não está longe das concepções [de Lacan]” (1976b, p. 100). A perspectiva de Sartre sobre a constituição da pessoa não é algo específico de Flaubert, mas bem a constituição de cada um de nós (1976b, p. 100). Ou seja, seria possível realizar para qualquer um o trabalho que Sartre fez sobre Flaubert, mostrando a constituição e a personalização do sujeito, ou seja, “a sua superação em direção ao concreto do condicionamento abstrato pelas estruturas

⁸ Sobre a psicopatologia fenomenológica em *O Idiota da Família*, ver Castro (2019).

familiares” (SARTRE, 1976b, p. 100). Evidentemente, no caso de Flaubert, há uma constituição e uma personalização específicas, no qual o elemento irreal se torna total, na medida em que ele desejou torna-se totalmente imaginário em uma vida imaginária. No entanto, é preciso ler com precaução a afirmação de Sartre, nessa entrevista, de que a sua descrição não está longe das concepções lacanianas. Aproximar ambos os autores através de ditos como esse talvez fosse rápido demais. Basta lembrar do que Sartre afirma na entrevista *A antropologia*, que citamos anteriormente. Lacan teria esclarecido o inconsciente como discurso que separa através da linguagem, enquanto contra-finalidade da palavra: os conjuntos verbais estruturam-se como conjunto prático-inerte através do ato de falar (1972a, p. 97). A própria interpretação que Sartre faz de Lacan o toma desde a dialética, a qual, enquanto dialética da práxis, jamais se reduz inteiramente à estrutura⁹. “No que concerne a estrutura inconsciente da linguagem, nós devemos ver que a presença de certas estruturas da linguagem dão conta do inconsciente” (1972a, p. 97). Ou seja, Sartre coloca o problema das estruturas de linguagem no campo dialético do prático-inerte, mas jamais perde de vista a dimensão que o ultrapassa: “é necessário conceber a intencionalidade como fundamental; não há processo mental que não seja intencional” (1972a, p. 97). Se é verdade que os processos mentais são enviscados, desviados e mesmo traídos pela linguagem, reciprocamente somos cúmplices dessa traição que nos constitui.

O que pretendi mostrar nesse segundo ponto foram alguns novos contornos e nuances que a interpretação sartriana da psicanálise recebeu a partir dos anos 1950, motivados pela reaproximação com Freud e pela aplicação do método biográfico, especialmente a Flaubert. No entanto, o que é possível constatar, até a última fase da obra de Sartre, é que, por mais que ele tenha realizado um exercício em muitos aspectos próximo e similar ao método hermenêutico em psicanálise, suas diferenças e críticas permanecem claramente sinalizadas. Jamais, até o final de sua obra, ele cederá em sua contestação ao determinismo do inconsciente.

⁹ No artigo *Sartre e o primado laciano do significante*, Philippe Cabestan comenta exatamente essa passagem: “Avaliamos facilmente a importância da ‘correção’ [feita por Sartre a Lacan]: mal evocada, a tese laciana é, senão revogada, ao menos retraduzida por Sartre em sua própria conceitualidade e nós reencontramos como por acaso os conceitos de intencionalidade, de contra-finalidade, de conjunto prático-inerte, que estão no coração do seu pensamento” (CABESTAN, 2013, p. 41). Uma análise consistente sobre a oposição entre existencialismo e estruturalismo apresentada por Betty Cannon em *Sartre e a Psicanálise*: “O fato é que, de um ponto de vista sartriano, Lacan engana-se quando pretende acordar o analisando ao ‘discurso do Outro’ sem ao mesmo tempo tentar restaurar o discurso como práxis intencional” (CANNON, 1993, p. 281). Para Sartre, o estruturalismo descreve o momento do prático-inerte e da anti-dialética, mas ao recusar a dialética da práxis, acaba limitando consideravelmente a possibilidade de compreensão das ações e dos grupos humanos.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a nossa abordagem da crítica fenomenológica e dialética de Sartre evidencia é que a sua posição em relação à psicanálise está longe de ser a de uma rejeição completa, tanto quanto a de uma aceitação irrestrita. Sartre não foi propriamente um opositor à inspiração clínica de Freud e à sua tentativa de estabelecer um estudo global do ser humano.

É possível discernir pontos de contato entre a psicanálise freudiana e a psicanálise existencial – Sartre é o primeiro a declará-los em *O Ser e o Nada*. Durante os anos 1950, Sartre faz um novo tipo de contato com Freud, o que foi assinalado e salientado por diversos comentadores. Ainda assim, com toda a proximidade que se pode estabelecer entre Sartre e Freud, considerando-se as biografias sartrianas, especialmente a de Flaubert, é inegável que a sua crítica à psicanálise permanece firme até o último período de sua obra.

Procuramos mostrar ao longo do artigo dois momentos da crítica de Sartre a Freud. O primeiro deles, que se manteve intacto em sua filosofia, encontra-se em sua leitura fenomenológica da imagem e das emoções, assim como em sua ontologia fenomenológica. Embora os componentes dialéticos da constituição e da personalização ainda não estivessem claramente expostos nesse período do pensamento sartriano, a concepção do vivido encontra aí as suas raízes fenomenológicas. O segundo momento da crítica de Sartre constitui-se pela via de sua concepção dialética da práxis, o que se torna ainda mais evidente com a exploração da noção de vivido, integrando os achados da dialética, em *Idiota da Família*.

Sabedor da importância dos problemas que a psicanálise fez emergir, Sartre procurou dar a eles uma nova formulação, evitando as hipóteses deterministas que a sua concepção da liberdade situada e da práxis humana não permitia aceitar. Talvez o psicanalista possa com legitimidade se perguntar se uma “psicanálise sem inconsciente” não estaria desconfigurada e não deixaria de ser propriamente psicanálise. Porém, se esse modelo interpretativo ainda puder ser intitulado psicanálise, adicionando-se o adjetivo “existencial”, é precisamente este o modelo que Sartre pretendeu erigir.



REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Le regard et la voix, leçons de psychanalyse*, Paris: Anthropos. 2001.
- BOURGAULT, Jean. A propos de ‘L’homme au magnétophone’. *Les Temps Modernes*, nº 674-675, julho-outubro, 2013, p. 319-331.
- CABESTAN, Philippe. Sartre et la Psychanalyse: Cécité ou Perspicacité?. *Cités*, nº 22, p. 99-110.
- CABESTAN, Philippe. ‘L’inconscient est structuré comme un langage’ – Sartre et le primat lacanien du signifiant. *Les Temps Modernes*, nº 674-675, julho-outubro, 2013, p. 34-50.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. La névrose comme réponse d'urgence et rapport à l'avenir dans L'Idiot de la Famille. In: Jérôme Englebert, Grégory Cormann, Christophe Adam. (Org.). *Psychopathologie Phénoménologique*. Paris: Le Cercle Herméneutique, v. 1, p. 125-142, 2019.
- FREUD, Sigmund. Das Unbewusste. *Studienausgabe*. Vol. III. Frankfurt am Main: Fischer, 1975a.
- FREUD, Sigmund. Das Ich und das Es. *Studienausgabe*. Vol. III. Frankfurt am Main: Fischer, 1975b.
- KNEE, Philip. La psychanalyse sans l'inconscient? Remarques autour du *Scénario Freud* de Sartre. *Laval théologique et philosophique*, vol. 41 (2), p. 225-238, 1985.
- LOUETTE, Jean-François. L'enfance d'un chef: La fleur et le coin d'acier. *Révue d'histoire littéraire de la France*, vol. 109, p. 365-384, 2009.
- PONTALIS, Jean-Bertrand. Réponse à Sartre par J.-B. Pontalis. *Situations, IX – Mélanges*. Paris: Gallimard, 1972.
- PONTALIS, Jean-Bertrand. Prefácio. In: SARTRE, Jean-Paul. *Freud, além da alma – Roteiro para um filme*. Trad. Jorge Laclette. 2ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Sartre lecteur de Freud. *Les Temps Modernes*, nº 531-533, p. 589-613, 1990.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Imagination*. Paris: P.U.F, 1936.
- SARTRE, Jean-Paul. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: L'Hermann, 1938.
- SARTRE, Jean-Paul. *Le mur*. Paris: Gallimard, 1939.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Imaginaire – Psychologie phénoménologique de l'imagination*. Paris: Gallimard, 1940.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, Jean-Paul. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité. *Situations, I – Essais critiques*. Paris: Gallimard, 1947.
- SARTRE, Jean-Paul. L'Anthropologie. *Situations, IX – Mélanges*. Paris: Gallimard, 1972a.
- SARTRE, Jean-Paul. Sartre par Sartre. *Situations, IX – Mélanges*. Paris: Gallimard, 1972b.
- SARTRE, Jean-Paul. L'homme au magnétophone. *Situations, IX – Mélanges*. Paris: Gallimard, 1972c.
- SARTRE, Jean-Paul. Autoportrait à soixante-dix ans. *Situations, X – Politique et Autobiographie*. Paris: Gallimard, 1967a.
- SARTRE, Jean-Paul. Sur ‘L'Idiot de la Famille’. *Situations, X – Politique et Autobiographie*. Paris: Gallimard, 1976b.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Vol. I. 2ª ed. Paris: Gallimard, 1988a.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Vol. II. 2ª ed. Paris: Gallimard, 1988b.



SARTRE, Jean-Paul. *Freud, além da alma – Roteiro para um filme*. Trad. Jorge Laclette. 2ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

TOMÈS, Arnaud. La critique sartrienne de l'inconscient. *Les Temps Modernes*, n° 674-675, julho-outubro, 2013, p. 51-67.

